



# Mulheres de Cinzas

*Mia Couto*

Download now

Read Online ➔

# Mulheres de Cinzas

*Mia Couto*

## Mulheres de Cinzas Mia Couto

Primeiro livro da trilogia As Areias do Imperador, Mulheres de cinzas é um romance histórico sobre a época em que o sul de Moçambique era governado por Ngungunyane (ou Gungunhane, como ficou conhecido pelos portugueses), o último dos líderes do Estado de Gaza - segundo maior império no continente comandado por um africano.

Em fins do século XIX, o sargento português Germano de Melo foi enviado ao vilarejo de Nkokolani para a batalha contra o imperador que ameaçava o domínio colonial. Ali o militar encontra Imani, uma garota de quinze anos que aprendeu a língua dos europeus e será sua intérprete. Ela pertence à tribo dos VaChopi, uma das poucas que ousou se opor à invasão de Ngungunyane. Mas, enquanto um de seus irmãos lutava pela Coroa de Portugal, o outro se unia ao exército dos guerreiros do imperador africano.

O envolvimento entre Germano e Imani passa a ser cada vez maior, malgrado todas as diferenças entre seus mundos. Porém, ela sabe que num país assombrado pela guerra dos homens, a única saída para uma mulher é passar despercebida, como se fosse feita de sombras ou de cinzas.

Ao unir sua prosa lírica característica a uma extensa pesquisa histórica, Mia Couto construiu um romance belo e vívido, narrado alternadamente entre a voz da jovem africana e as cartas escritas pelo sargento português.

## Mulheres de Cinzas Details

Date : Published November 16th 2015 by Companhia das Letras (first published October 17th 2015)

ISBN : 9788535926620

Author : Mia Couto

Format : Paperback 344 pages

Genre : Fiction, Historical, Historical Fiction, Cultural, Africa, Eastern Africa, Mozambique, Literature, African Literature

 [Download Mulheres de Cinzas ...pdf](#)

 [Read Online Mulheres de Cinzas ...pdf](#)

**Download and Read Free Online Mulheres de Cinzas Mia Couto**

---

# From Reader Review *Mulheres de Cinzas* for online ebook

## Meike says

*"Written words are mighty spells, capable of potent magic."*

Wow: I just read my first novel from Mozambique, and the story sucked me in, entranced me, messed with my head, made me question what I know about literature, hit me over the head with an unexpected finale and spat me out. Now I'm dizzy and I think I need a witch doctor.

Until 1975 (!), Mozambique was a Portuguese colony, and this book's author, Mia Couto (b. 1955), is the son of Portuguese settlers. When his parents went back to Portugal, he and his siblings decided to stay in their native country, and Couto is now one of the most important writers in Mozambique. This background info is relevant for the story he is telling in this historical novel: In 1894, Portuguese Sergeant Germano de Melo is court-martialed after an attempted military revolt and, as his punishment, is posted to the village of Nkokolani to oversee the Portuguese conquest of territory claimed by Ngungunyane, the last of the leaders of the Gaza Empire (Gaza, 1824-1895, was the second-largest empire led by an African; the Republican revolt against the Portuguese King also really happened).

In the village, he meets 15-year-old Imani whom he hires as an interpreter. She belongs to a tribe that sided with the Portuguese, but her own family is torn between the Crown and the African Emperor. Between Germano and Imani, a curious dynamic unfolds, and by telling the story about the destiny of this contested village and its people, Couto meditates on Mozambique, Portugal, colonialism, racism, and literature.

The story is told in alternating voices by Imani and Germano and draws its poetic strength from this juxtaposition: Imani talks about the history, customs and beliefs of her people, telling many folkloric tales and employing lots of magical realism to bring her (very real) points across, while Germano desperately tries to cling to so-called reason and reality, until he cannot uphold appearances anymore: The truth his nation defends is no truth at all. Germano starts to lose his mind, and the Emperor of Gaza is progressing.

This book is full of piercing metaphors and moving images, and I especially liked the role that words, language and literature itself play in the book. E.g., while Germano admires Imani's beautiful spoken Portuguese, he can hardly tolerate to watch her write, because of the power she acquires by doing this. Imani knows about that power, and she uses it by writing her story:

*"This is the story of the rivers. The greedy may steal their water until they run dry. But they won't steal their history. (...) In the dust and ashes, I write the names of the dead. So that they may be born again from the footprints we leave."*

If you - like me - think that this is some powerful writing, read that book, it is full of passages like this one (I can't help myself, I have to add in one more quote: *"My father was a tuner of the infinite marimba that is the world"* - wow, Couto, just wow). Highly recommended.

---

## Natalie says

There are few books that I've disliked as much as this one. While it is possible that something (or a lot of somethings) was lost in translation, the exceptional lack of story and the self-absorbed characters rendered

this book almost unreadable.

The premise seems promising--a young Portuguese sergeant is stationed in a forgotten outpost in Mozambique where he is faced with growing unrest and the threat of an army, led by the emperor of the State of Gaza, Ngungunyane. In order to better understand his new surroundings, the sergeant employs a young girl, taught by Portuguese missionaries, to help surpass both language and cultural misunderstandings. Inevitably, as time goes on, he becomes infatuated with her and hopes to win her love in return.

Unfortunately, none of the promise of this book pans out.

The sergeant is foppish in his attempts to do anything. He writes lengthy letters to a man he's seemingly never met about every thought that enters his mind. He vacillates between feelings of kindness and respect for the local people and then, inexplicably, denounces them as savages, not worthy of respect. In fact, all of this happens mostly in his mind as he does absolutely nothing but write these letters and occasionally meets with his young guide.

The young girl, Imani, is entirely flat--her words and feelings distilled to a few aphorisms and incomprehensible rants on a lack of identity.

Most of the book seems to be building up to a final battle between Portuguese troops and those of the Emperor, yet when the battle comes it is nothing but a few sentences. Nothing more than a whimper. Instead, as soon as the battle begins, we return to mindless rants from both Imani and the sergeant.

It would be unfair to say that a white man cannot fairly represent women and black Africans, but in this case it would be true. Mia Couto, who is a white man, created characters that are so flat, so lifeless that it is amazing this book was even published. When Imani speaks it is nothing like the voice of a young girl, nothing like a member of a long-established, proud tribe, but instead it is a terrible, pathetic cliché. Again, this could very well be the fault of the translator, but then it is the translator that has failed this book beyond belief.

---

### **João Antunes says**

primeira leitura do autor e posso dizer que a escrita é fácil, leve e que nos ajuda a entrar na história e nas personagens. passagens que nos remetem para a escravidão e também sobre a forma de viver a vida que os africanos têm enraizada. achei interessante a história, diferente do habitual que tenho lido, mas para mim a meio do livro faltou qualquer coisa. quando tiver oportunidade irei ler o segundo livro da trilogia.

---

### **João Duarte says**

"Mulheres de Cinza" é o primeiro volume de uma trilogia em que Mia Couto fala do Moçambique do final do século XIX, abandonado por uma metrópole que não tinha condições para se governar, e muito menos para manter um império.

A história é relatada intercalando duas perspetivas: a do sargento Germano, através de cartas que ele envia a um superior hierárquico; e a de Imani, uma moçambicana com raro domínio da língua portuguesa, que lhe

serve como ajudante, e que por ele se apaixona.

Vendido como romance histórico, este livro de Mia Couto é diferente do que esperaríamos. Em primeiro lugar, pelo estilo de escrita, cheio de poesia, tão próprio do autor moçambicano. Por outro lado, em lugar de ser verdadeiramente um romance histórico, trata-se de um romance que, por acaso, utiliza alguns elementos da História.

Devo confessar que este livro me desiludiu, dado que sou um entusiasta de romances históricos, e que aprecio a escrita de Mia Couto. E, em "Mulheres de Cinza", deparamos-nos com uma escrita que realmente é extraordinária, mas que não é acompanhada por um enredo cativante (antes, até, ligeiramente entediante) que lhe sirva de pedestal.

---

### **Mariana Mousinho says**

"Sorte a dos que, deixando de ser humanos, se tornam feras. Infelizes os que matam a mando de outros e mais infelizes ainda os que matam sem ser a mando de ninguém. Desgraçados, enfim, os que, depois de matar, se olham ao espelho e ainda acreditam serem pessoas."  
Que escrita maravilhosa...

---

### **carpe librorum :) says**

Após a leitura da contra-capá, fiquei um pouco hesitante em embrenhar-me mais uma vez pela leitura de Mia Couto, logo o primeiro de uma trilogia, por vezes tenho a sensação de que ele escreve sempre o mesmo livro. Mas é uma escrita tão melódica, difícil de resistir. Pensei que pudesse ser outra Terra Sonâmbula com laivos de O Outro Pé da Sereia, mas é diferente. A História dá-lhe um toque especial. Poderia passar-se nos dias de hoje, porque o tempo parece não passar por Moçambique, ou se passa, é com certeza um tempo diferente. Cartas sem resposta de um militar desterrado alternadas com o relato de uma mulher... gostei bem mais da parte dela. Mas a leitura ganhou asas, e quando dei por mim, voou... Muito bom para um fim-de-semana prolongado com muito sol!

---

### **Leonardo Mourani says**

Maravilhoso. Uma obra prima.

---

### **Tamara Agha-Jaffar says**

Woman of the Ashes by Mia Couto, translated by David Brookshaw, is the first book in a forthcoming trilogy that tells the story Portugal's attempt to colonize the southern Mozambique territory of Gaza in 1894. The territory is claimed by Ngungunyane, the last of Gaza's leaders. He has raised an army to fight the colonizers, and as the novel opens, Ngungunyane and his warriors are making their way toward the border village of Nkokolani where the story takes place.

The narrative alternates between the voices of two individuals: Imani, the fifteen-year girl of the VaChopi tribe, hired to interpret for the Portuguese; and Sergeant Germano de Melo, appointed as captain of the garrison at Nkokolani to represent the interests of the Portuguese crown. Germano's narrative takes the form of letters to his supervisor in which he assesses the current political situation. His letters gradually become increasingly personal and confessional with the passage of time. Imani, who learned to speak fluent Portuguese at the mission school, is conflicted. Her situation is fraught with tension: her father is an abusive alcoholic; her mother continues to mourn the death of her children; her two surviving brothers are on opposite sides of the conflict; and she and Germano gravitate between love and hate in their relationship.

There is much to admire in the novel. Couto skillfully depicts the clash of cultures, miscommunications, deceptions, and attitudes of the colonizers and the indigenous peoples. And as is frequently the case, the indigenous people are split between those who support the colonizer and those who want to rid the country from the yoke of foreign oppression. This split takes the form of internecine violence with one tribe perpetrating atrocities on its neighbors. The situation is multi-layered and riddled with a complexity that is reflected in the alternating voices of the narrators.

Stories taken from African folklore, superstitions, dreams and their interpretation, and the occurrence of bizarre events all thread their way intermittently throughout the narrative. Many of these are taken seriously and interpreted as warning signs by the indigenous population; many are summarily dismissed by Germano as the belief systems of a primitive people.

The weakest element in the novel lay in its characterization. The characters are flat and one-dimensional with a portrayal that is stereotypical. Imani's voice and diction are not reflective of a fifteen-year old girl. Her forays into self-doubt and existential angst lack authenticity. Germano's letters are self-indulgent and full of self-pity. And other than the difference in content, there is little to distinguish Imani's diction from that of Germano's. Having said that, however, if one is willing to forgo the dearth of characterization, the novel does tell a compelling story, a story that sheds light on a turbulent period in Mozambique history, a story that has been repeated many times over and in many different forms whenever and wherever the colonizer and colonized clash.

---

## Jo says

Como qualquer livro do Mia Couto, um autêntico deleite página após página. A escrita é excepcional e as imagens belíssimas. Não gostei tanto como do *Jesusalém* nem do *Terra Sonâmbula*, talvez por ser uma trilogia esta primeira parte parece-me um bocado estática em termos da história, mas ainda assim quero muito ler os próximos dois livros da saga.

"Quem mata é quem dispara ou quem manda matar? E pergunto-lhe: todo esse marfim tornou-vos mais ricos?"

- Não a mim, Imani. Não a mim.

E prosseguiu a moça: Será assim quando tiverem esventrado a Terra para lhe roubarem os minerais.

Ordenarão aos negros que se empilhem uns nos outros até que cheguem à Lua. E mineiros chopos começarão o garimpo da prata lunar."

"Os brancos podem falar de variados modos: diz-se que têm sotaques. Só a nós, negros, não é permitido outro sotaque. Não basta falarmos a língua dos outros. Temos que, nesse outro idioma, deixar de sermos nós."

---

## **Sara Jesus says**

Este é o primeiro livro da trilogia de Moçambique. Um livro que aborda a guerra entre o imperador e os portugueses

É interessante o escritor misturar a História de duas nações tão distintas, e fazer com que um soldado português se apaixone por uma negra.

Imani não é uma rapariga qualquer. Ela é uma das mulheres de cinza, sem nome e que necessitam de casar para darem descendência. Mas a sua família não a rejeita, apesar de ela continuar solteira. Seu pai encarrega de fazê-la espiar a correspondência do soldado Germano. Soldado esse de quem ela acabará por gostar.

Uma obra muito rica. Mia Couto escreve com poesia e verdade. Desejosa de ler a continuação

---

## **Anabela Mestre says**

É uma delícia para mim ler livros do Mia Couto. A sua escrita é leve e mágica, trazendo-me sensações e reminiscências dessa África, onde nasci, saindo de lá ainda muito pequena, sem nunca lá ter regressado. Este livro, que é o primeiro de uma trilogia que se passa no século XIX, expõe Moçambique desses tempos, quer sob a visão de um português, quer sob a visão dos nativos.

Depois deste primeiro volume fiquei com vontade de ler os restantes, mas antes vou lendo outros livros, pois não gosto de ler seguidamente o mesmo autor.

---

## **Alessandra says**

Infelizmente o livro não me cativou tanto quanto esperava. Todos os elementos da escrita de Mia Couto continuam ali, a prosa mágica, o realismo fantástico, o eterno não-lugar daqueles que foram arrancados da sua terra, algo que me impressionou muito quando li Terra Sonâmbula. Contudo, parece que, nesse caso, não houve liga capaz de prender a narrativa. Talvez por ser o primeiro livro de uma trilogia, a verdade é que passa a impressão de ir do nada a lugar algum. A relação de Imani e Germano é construída de forma brusca, faltando um elemento central que deixe claro ao leitor a conexão entre as duas personagens. A aparição de uma personagem ao fim do livro não faz muito sentido, não adiciona a narrativa. Ao longo da leitura senti como se estivesse lendo um "Cem Anos de Solidão" incompleto - a saga trágica dos Nsambe no meio da guerra entre portugueses e VaNguni traz semelhanças à família Buendía, porém a narrativa não engrena, se torna em partes vazia de sentido, como se Mia Couto estivesse com pressa de explicar os acontecimentos. Uma pena.

---

## **Newton Nitro says**

Minha primeira leitura da obra de Mia Couto, "Mulheres de Cinzas" é um romance histórico diferente e

maravilhoso, dentro de um estilo de prosa poética, e que passa, além dos fatos, que expõe a complicada formação da identidade moçambicana através dos pontos de vista de uma jovem negra e de um oficial do reino português, ambientado no final do século XIX.

---

Mulheres de Cinzas (As Areias do Imperador #1) - Mia Couto | Companhia das Letras, 2015 | 344 páginas | Lido de 16.05.16 a 19.05.16

---

## SINOPSE

Primeiro livro da trilogia As Areias do Imperador, Mulheres de cinzas é um romance histórico sobre a época em que o sul de Moçambique era governado por Ngungunyane (ou Gungunhane, como ficou conhecido pelos portugueses), o último dos líderes do Estado de Gaza - segundo maior império no continente comandado por um africano.

Em fins do século XIX, o sargento português Germano de Melo foi enviado ao vilarejo de Nkokolani para a batalha contra o imperador que ameaçava o domínio colonial. Ali o militar encontra Imani, uma garota de quinze anos que aprendeu a língua dos europeus e será sua intérprete. Ela pertence à tribo dos VaChopi, uma das poucas que ousou se opor à invasão de Ngungunyane. Mas, enquanto um de seus irmãos lutava pela Coroa de Portugal, o outro se unia ao exército dos guerreiros do imperador africano.

O envolvimento entre Germano e Imani passa a ser cada vez maior, malgrado todas as diferenças entre seus mundos. Porém, ela sabe que num país assombrado pela guerra dos homens, a única saída para uma mulher é passar despercebida, como se fosse feita de sombras ou de cinzas.

Ao unir sua prosa lírica característica a uma extensa pesquisa histórica, Mia Couto construiu um romance belo e vívido, narrado alternadamente entre a voz da jovem africana e as cartas escritas pelo sargento português.

---

## RESENHA

Misturar o gênero de romance histórico, com sua ênfase em eventos e trama com a prosa mais trabalhada e lírica dos romances ditos "literários" e sair algo bem feito é para poucos. Porque o gênero "literário" também tem suas convenções e exigências, como um maior cuidado com o lado lírico da prosa, a exploração psicológica mais profunda e o uso da narrativa e de metanarrativas intercalado com a existência ou não de trama.

Acredito que "Mulheres de Cinzas" consegue esse feito. Talvez seja o fruto da pesquisa extensa feita por Mia Couto sobre o período da colonização portuguesa de Moçambique no final do século XIX, a mistura deu muito certo.

De um lado temos um contexto histórico complexo, abordado sem maniqueísmos, com a decadência das tribos africanas frente ao domínio colonial e os impactos desastrosos da interferência europeia nos conflitos tradicionais dos povos de Moçambique e região.

Ao invés de focar no aspecto externo da trama, a ameaça de destruição da tribo dos VaChopi frente ao império africano dos Gungunhanes, Mia Couto mergulha fundo na alma dos protagonistas, misturando a riqueza folclórica e cultural das tribos africanas com questões de racismo, linguagem, identidade feminina e tribal, e a dissolução da identidade que acontece com conquistadores e conquistados, quando culturas



diferentes são forçadas a coexistirem.

Gostei muito do livro, a leitura é agradável e cheia de frases fantásticas! É um daqueles livros que se você começar a sublinhar as frases que mais gostou, vai acabar riscando o livro inteiro!

Uma dica, experimente ler em voz alta algumas passagens para ver como o Mia Couto é fera! :)

---

## RECOMENDAÇÕES

Recomendo "Mulheres de Cinzas" para quem:

Curte romances com prosa poética, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa (o grande guru do Mia Couto).

Queira conhecer um pouco da história de Moçambique

Queira entender mais a complicada questão da identidade africana.

Quem curte histórias tristes (sim, o romance é bem triste e melancólico).

Quem queira conhecer mais sobre a visão de mundo de uma tribo africana.

Quem curte a mistura de romance histórico com prosa e caracterização mais aos modos da chamada "alta literatura".

---

## CITAÇÕES

"A diferença entre a Guerra e a Paz é a seguinte: na Guerra, os pobres são os primeiros a serem mortos; na Paz, os pobres são os primeiros a morrer.

Para nós, mulheres, há ainda uma outra diferença: na Guerra, passamos a ser violadas por quem não conhecemos."

"Mulheres de Cinzas" (Capítulo 9) - Mia Couto, 2015.

---

"Na manhã seguinte dirigi-me descalça para o rio Inharrime. Mergulhei no leito até que a água me chegou ao peito. Não era que quisesse morrer afogada, arrastada nas fundas correntezas. A minha intenção era a oposta: queria engravidar do rio.

Sucedera antes com outras mulheres esse fecundo namoro. O segredo era ficarem quietas até que a alma delas não se distinguisse das folhas, flutuando mortas, corrente abaixo. Era isso que queria naquele momento.

Porque de uma coisa eu estava certa: nenhum homem haveria de me possuir. Restava-me o rio, o meu rio de nascença. As águas já me fluíam por dentro quando encalhei na margem, paralisada como um velho e naufrago tronco. E ali me deixei até recuperar forças para o regresso a casa.

Foi então que os meus pés se afundaram no matope. Em vez de contrariar essa ausência de chão, libertei-me das vestes e, toda nua, abandonei-me ao abraço viscoso da lama. Por um momento deixei-me possuir pelo prazer de sentir a pele coberta por uma outra pele. Entendi então o gosto dos animais pelo banho de lama. Era por isso que ansiava: ser um bicho, sem crença, sem esperanças."

"Mulheres de Cinzas" (Capítulo 17) - Mia Couto, 2015.

---

## PRÓXIMAS LEITURAS

Agora, antes de retornar para Westeros com "O Cavaleiro dos 7 Reinos" e "A História de Game of Thrones", lerei o clássico do romance histórico italiano, "O Deserto dos Tártaros" de Dino Buzzati e depois "Vasto Mundo", de Maria Valéria Rezende, ganhador do Prêmio Jabuti do ano passado.

E vamos ler porque ler é DOIDIMAIS! :)

---

Érika & Newton – Inglês por Skype  
Faça uma AULA EXPERIMENTAL GRATUITA!  
Aulas TODOS OS DIAS, de 7 às 23 horas!

Érika de Pádua | Professora de Inglês – Aulas por Skype  
WhatsApp: (31) 9223-5540 | Skype: erikadepadua@gmail.com  
Linkedin: <https://goo.gl/2c6QIb>

Newton Rocha | Professor de Inglês – Aulas por Skype  
WhatsApp: 9143-7388 | Skype: prof.newtonrocha@gmail.com  
LinkedIn: <https://goo.gl/7rajxF>

Visite o nosso Blog Melhore Seu Inglês:  
<https://melhoreseuingles.wordpress.com/>

Curta Nossa página no Facebook:  
<https://goo.gl/qcPQUK>

Nosso Canal no Youtube – Melhore Seu Inglês:  
<https://goo.gl/KYns5i>

---

## **Bárbara says**

É-me, provavelmente, das reviews menos fáceis de escrever sobre um livro de Mia Couto pois, desta vez, a ser sincera, não posso escrever adorei. O livro tem partes belíssimas, sobretudo no início e no fim, mas pelo meio fica um sabor de aquém, de qualquer coisa que lhe falta. Não pela qualidade da escrita, que em Mia Couto é sempre mágica, mas pela própria estrutura do livro que, entre os capítulos que alternam entre a ação e o registo das cartas escritas pelo sargento, se torna um pouco expectável e repetitiva. Talvez por ser fã de romances históricos e fã maior ainda de Mia Couto tivesse expectativas demasiado elevadas, mas Mulheres de Cinza não é, de todo, o melhor livro de Mia Couto. Ainda bem, significa que o melhor estará, ainda, por vir.

---

## **Vinicius Alves says**

Confesso que ainda não sei o que pensar sobre a estrutura do livro.

Talvez eu esperasse um pouco mais de detalhes sobre a narrativa, os acontecimentos e as formas como tudo se passa. Também não sei bem o que achar da forma intercalada de colocar as narrativas - o problema é que algumas vezes elas se complementam ou ficam repetitivas, enquanto outras vezes parecem que estão em momentos diferentes.

Por outro lado, achei interessante o livro ter mais de uma voz. E o que gostei muito foi o trabalho bem feito sobre os sentimentos e sensações na percepção de cada cultura (moçambicana e portuguesa).

Isso me instigou e acho que é o que me dá mais vontade de continuar essa história e ler o próximo.

No geral, vale muito a pena para mergulhar em uma realidade em que não estamos nem um pouco acostumados. As crenças e "lendas" que entram no meio da narrativa são lindas. Só por elas já vale a leitura!

---